

Turismo solidário: uma proposta para Grão Mogol no Vale do Jequitinhonha

Solidarity tourism: A proposal for Grão Mogol in the Jequitinhonha Valley

Werter Valentim de Moraes¹

wvmoraes@hotmail.com

Resumo. O trabalho se propôs a reconhecer e analisar as aptidões sociais, ambientais e culturais na perspectiva do turismo de base comunitária no município de Grão Mogol, onde se insere o Parque Estadual de Grão Mogol no Vale do Jequitinhonha do Estado de Minas Gerais. Através da metodologia de observação participante, buscou-se vivenciar atividades rotineiras dos empreendedores locais, analisando-as como uma agregação de renda e inclusão social para o compartilhamento por meio do turismo responsável. O turista predominantemente doméstico se limita a buscar atrativos inseridos nos meios de hospedagem convencionais, deixando assim de usufruir das belas trilhas e cachoeiras. O artesanato e o folclore não se inserem na cadeia produtiva da atividade por não apresentarem uma identidade que agregue valor ao turismo. Esta gestão do turismo se torna ineficiente por não buscar a participação da sociedade interessada em desenvolvê-lo. O estímulo à participação dos anfitriões nas tomadas de decisões pode gerar comprometimento e aumento da autoestima das comunidades locais.

Palavras-chave: turismo de base comunitária, gestão compartilhada, unidade de conservação.

Abstract. The study aimed to recognize and analyze social, environmental and cultural skills from the perspective of community-based tourism in the town of Grão Mogol, where the Grão Mogol State Park, in the Jequitinhonha Valley, state of Minas Gerais, is located. Through the methodology of participant observation, we sought to experience daily activities of local entrepreneurs, analyzing them as an aggregation of income and social inclusion through responsible tourism. The predominantly domestic tourists merely look for attractions connected to the means of conventional hosting, thus failing to enjoy the beautiful trails and waterfalls. The crafts and folklore are not integrated into the activity's supply chain because they do not present an identity that adds value to tourism. This tourism management becomes ineffective for failing to seek society's participation. Encouraging the participation of the hosts in decision making can lead to an increased self-esteem and the involvement of local communities.

Keywords: community-based tourism, shared management, conservation unit.

Contextualização e revisão bibliográfica

O ecoturismo, ambientalmente responsável, é um dos mais dinâmicos mercados emergentes e há no Brasil mais de meio milhão de praticantes. E, mesmo sendo uma atividade

econômica recente, o ecoturismo empregará no País, diretamente, mais de 90 mil pessoas, através de pelo menos 5 mil empresas e instituições privadas (Brasil, 2010).

O setor de ecoturismo já conta com cerca de 1.250 operadoras e agências especializadas, mais de 5 mil pousadas e mais de 5 mil

¹ Pesquisador da Universidade Federal de Viçosa. Grupo de Pesquisa em Gestão de Territórios Criativos – CNPq. Caixa Postal 38, 36570-000, Viçosa, MG, Brasil.

prestadores de serviços, entre lojas de equipamentos, transporte, alimentação e serviços de apoio (Brasil, 2010).

Há de se considerar que o ecoturismo praticado no Brasil é uma atividade ainda desordenada, impulsionada quase que exclusivamente pela oportunidade mercadológica, deixando de gerar os benefícios socioeconômicos e ambientais importantes. Isso eventualmente compromete a imagem do produto ecoturístico brasileiro nos mercados interno e externo. Sob o nome ecoturismo, muitas atividades têm sido praticadas, algumas com perfil esportivo e aventureiro.

O que possuem em comum são o contato com a natureza, a contemplação da fauna, da flora e das diversas culturas. O que motiva as pessoas a comprarem um pacote de ecoturismo é, primeiramente, o contato com a natureza, seguido da busca de aventura e emoções, da curiosidade, da necessidade de estar com amigos e conhecer novas pessoas, estudar o meio ambiente ou simplesmente exercitar-se (Moraes, 2001).

Hoje, contudo, os visitantes estão cada vez mais conscientes do impacto ecológico que podem causar, do valor da vida natural e dos interesses socioeconômicos das populações locais. Esse grupo crescente, mas ainda pequeno em termos gerais, constitui parte importante do universo do ecoturismo, que está se tornando a indústria de viagens mais sensível ao meio ambiente e às implicações sociais.

As áreas naturais, em particular as unidades de conservação tais como: Parque Estadual de Grão Mogol, Parque Nacional Grande Sertão Veredas, Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, Parque Estadual da Mata Seca, Parque Estadual da Serra das Araras, Parque Estadual Veredas do Peruaçu, Refúgio Estadual de Vida Silvestre do Pandeiros, APA Federal do Peruaçu, APA Estadual de Pandeiros, APA Estadual do Cochá e Gibão, RPPN Fazenda Ressaca, RPPN Veredas do Pacari, RPPN Arara Vermelha, RPPN Cajueiro, Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável Veredas do Acari, Reserva Indígena Xakriabá, constituem grandes atrações, tanto para os habitantes das áreas, como para os ecoturistas inseridos na porção norte do estado de Minas Gerais, nos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Os elementos culturais existentes nessas regiões, suas populações locais e formas de vida são atingidos, de forma positiva ou negativa, pela prática do turismo.

Assim, nesta região, o ecoturismo pode vir a ser um componente essencial para o desen-

volvimento sustentável e requer um trabalho bem feito, com um planejamento cuidadoso e elaboração de diretrizes e regulamentos, que garantam um funcionamento estável de um empreendimento ecoturístico pautado na gestão compartilhada e de empreendedores locais comprometidos com uma identidade que resguarde a cultura local e fomente a justiça social.

A ideia de potencialidade turística se apresenta comumente no discurso de diversos líderes políticos, bem como entre os dirigentes do setor turístico nessas regiões. Na bibliografia turística, tem-se que a popularização do termo “potencial turístico” ocorre pela falta de conceitos mais precisos dessa expressão e da pouca possibilidade de se avaliar de forma clara esse “potencial” com os métodos e instrumentos até agora criados para tal finalidade.

Nesse sentido, Matheus (2003) e Almeida (2006) citam a importância de se conhecer a realidade quanto ao potencial turístico, ao detectar que a ótica errada deste potencial pode resultar impactos negativos para o meio ambiente e para os grupos locais.

O Programa de Redução da Pobreza pela Exportação – PRPE (Export-Led Poverty Reduction Programme – EPRP), do International Trade Center – ITC (Centro de Comércio Internacional), aspira ao aumento da capacidade empreendedora de produtores e prestadores de serviços nas comunidades (UNCTAD/WTO, 2005). O objetivo final do PRPE é melhorar o nível de vida das comunidades tradicionais desfavorecidas, tendo igualmente por objetivo o aumento da qualidade e da quantidade da produção e dos serviços oferecidos pelas mesmas, ao passo que responde às necessidades dos principais mercados internacionais e nacionais. Inserir as ideias de solidariedade e sustentabilidade socioambiental na prática do turismo parece objetivo fundamental para atingir esse fim.

Segundo Maldonado (2009), a finalidade da empresa comunitária não é lucro nem a apropriação individual dos benefícios que são gerados, e sim a sua distribuição equitativa, através do investimento em projetos de caráter social ou de produção.

Para Benevides (2002), a viabilidade de realizar o desenvolvimento local através do turismo dependeria da equalização de cinco objetivos: preservação/conservação ambiental; manutenção da identidade cultural; geração de ocupações produtivas de renda; desenvolvimento participativo; e, qualidade de vida. Assim, a identificação de atrativos e o seu en-

tendimento como produto turístico subsidiam o planejamento para a valorização da identidade turística de determinado local.

Na atualidade, o turismo “responsável-sustentável” é um turismo cada vez mais divulgado em diversas circunstâncias; no entanto, sua prática ainda não está sendo realizada a contento e responsabilmente pelos consumidores e fornecedores. Com o intuito de implementar melhor consciência sobre a atividade perante à sociedade, definiram-se os princípios do turismo responsável como: não massificado; respeita a cultura local e patrimonial; gerenciado pela própria comunidade local, para garantir desenvolvimento socioeconômico; baseia-se na aprendizagem intercultural entre turistas e população local (Alter Nativas, 2009).

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), de forma participativa e democrática, define turismo rural na agricultura familiar como “a atividade turística que ocorre na unidade de produção dos agricultores familiares que mantêm as atividades econômicas típicas da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando bem-estar aos envolvidos” (Brasil, 2003).

Aproximando-se ainda mais da realidade turística do município de Grão Mogol, surgiu o Turismo Baseado na Comunidade (TBC), apresentado pelo UNCTAD/WTO (2005) e reconhecido em Katmandu, no Nepal, como “uma interação visitante/anfitrião cuja participação é significativa para ambos e gera benefícios econômicos e de preservação para as comunidades, indivíduos e meio ambiente local”.

Uma possível alternativa poderia estar centrada na promoção do turismo de base comunitária, que segundo a WWF-Brasil (2001) pode assim ser apresentado: “aquele onde as sociedades locais possuem controle efetivo sobre seu desenvolvimento e gestão. E por meio do envolvimento participativo desde o início, projetos de turismo devem proporcionar a maior parte de seus benefícios para as comunidades locais”.

A Rede TURISOL define turismo comunitário como “a atividade turística que apresenta gestão coletiva, transparência no uso e destinação dos recursos e na qual a principal atração turística é o modo de vida da população local. Nesse tipo de turismo a comunidade é proprietária dos empreendimentos turísticos e há a preocupação em minimizar o impacto

ambiental e fortalecer ações de conservação da natureza” (Projeto Bagagem, 2010).

O turismo comunitário é uma estratégia para que populações tradicionais, independentemente do grau de descaracterização, frente à hegemonia das sociedades urbanas industriais, sejam protagonistas de seus modos de vida próprios, tornando-se uma alternativa possível ao modo de vida materialista-consumista (Sampaio *et al.*, 2005).

Essas comunidades são definidas por critérios geográficos, como um território que compartilha costumes, usos e tradições; ou por funções socioeconômicas, variando por modos de produção e distribuição (Barreto, 2004). Tais comunidades, mesmo que possuam algum grau de descaracterização de seus modos de vida autóctones, frente à supremacia das sociedades urbanas, guardam possibilidades de encontrar no seu âmbito o principal atrativo do turismo comunitário, o compartilhamento e a solidariedade com os visitantes. A convivência é uma relação social em que um sujeito se interessa pelo outro, pelo diferente, pela autenticidade no seu jeito de falar, cantar, dançar, comer, entre outros, e respeita a simplicidade existente nas comunidades tradicionais.

Caracterização da área de estudo

A cidade de Grão Mogol localiza-se na região Norte de Minas Gerais, distanciando-se cerca de 550 km de Belo Horizonte. Partindo da capital mineira pela BR-040, segue-se até Paraopeba e, no trevo de São José da Lagoa, toma-se a BR-135, chegando a Curvelo e seguindo por Buenópolis, Bocaiúva e Montes Claros. Nesta altura, toma-se a BR-251 sentido Salinas e, após um percurso de aproximadamente 77 km, entra-se à direita no trevo, chegando assim a Grão Mogol (Chaves *et al.*, 2006).

O município originou-se através do descobrimento do potencial minerador da região em fins do século XVIII. Em meados dos anos 1800, tinha o nome de Arraial da Serra de Grão Mogol, atraindo diversos estrangeiros devido à grande quantidade de pedras preciosas encontradas, como diamantes, por exemplo. Neste momento, a Coroa Portuguesa envia um representante para controlar e administrar a exploração das pedras preciosas. Em 1840, o local foi transformado em Villa Provincial, pouco depois em Distrito e, no ano de 1858, foi elevado a cidade. Pouco antes de sua emancipação, em 1827, Grão Mogol ficou marcada para sempre com a descoberta da lavra de

diamantes a partir de uma rocha, fato nunca presenciado, uma vez que os diamantes eram procedentes de depósitos aluvionares. Este local ficou conhecido como Pedra Rica e hoje se encontra preservado dentro do Parque Estadual de Grão Mogol (Fonseca e Lessa, 2010).

Um dos locais que apresentam grande potencial turístico é o Assentamento Americana, que se localiza na zona rural de Grão Mogol, apresentando as coordenadas geográficas 16° 17' 55" S de latitude e 43° 17' 41" W de longitude. Com uma área de 18.102,1 ha, o assentamento possui 76 famílias. Dentre estas, 12 compõem o grupo agroextrativista do Cerrado, que, através de atividades individuais e coletivas, geram produtos agroecológicos. Parte destes é reservada para comercialização através da Cooperativa Grande Sertão² e outra parte, para subsistência das famílias. Produzem frutos como panã, coquinho-azedo, cagaita, mangaba, pequi, maracujá nativo e araçá. Ainda possuem trabalhos com mais de 40 espécies nativas e 20 cultivadas com potencial medicinal, sendo os remédios utilizados pelas famílias e comercializados em feiras livres (CAA-NM, 2010).

Metodologia

Segundo Yin (2005), o estudo de caso é a pesquisa indicada quando predominam questões do tipo "como?" e "por quê?", quando o pesquisador detém pouco controle sobre os eventos e ainda quando o foco se concentra em fenômenos da vida real, como é o caso do objeto de pesquisa aqui investigado. Para Yin (2005), o estudo de caso permite investigar um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real. Tem como objetivo aprofundar-se na análise dos fenômenos estudados para determinar a proximidade da teoria existente com a compreensão das práticas do caso estudado, entretanto, não permite generalizações. O estudo de caso único satisfaz as condições para testar os objetivos propostos, pois representa um caso decisivo; assim se justifica a sua escolha para o trabalho. Propicia o entendimento, a contestação ou a confirmação de uma teoria, conduzindo como à introdução de um estudo detalhado, com o uso dos mecanismos exploratórios.

De acordo com Gil (1991), o estudo de caso é circunscrito a uma ou poucas unidades e

tem caráter de *profundidade* e *detalhamento*. Schramm (1971) define o estudo de caso como o esclarecimento de uma ou várias decisões, bem como o motivo pelo qual foram tomadas, como ocorreu a implementação e quais foram os resultados obtidos na unidade estudada.

Segundo Yin (2005), quando se realiza uma visita técnica de campo para o estudo de caso, é possível fazer observações diretas daquilo que será descrito no trabalho enquanto levantamento de dados de campo, gerando dados importantes para esclarecer as questões de pesquisa.

Segundo Corbishley e Carneiro (2001) e Haguette (1987), na pesquisa qualitativa o foco de estudo é o processo vivenciado pelo sujeito. Neste sentido, a pesquisa que gera este artigo se enquadra como qualitativa, com características multimetodológicas, incluindo entrevistas semiestruturadas, vivências e observações locais, análise de materiais impressos e audiovisuais. Caracteriza-se também como a observação participante descrita por Mazzotti (1998).

Observar é usar os sentidos para que se obtenham informações sobre algo real. A observação se faz como um meio dos mais utilizados pelo ser humano para se obter conhecimento e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações (Rudio, 1986). É mediante o ato de observar que se pode ter uma noção real de algo ou de um ambiente, como uma fonte direta de dados (Queiroz *et al.*, 2007).

Assim, a observação participante é considerada uma técnica científica quando é feita de forma planejada, com sistematização e controle da objetividade. Observar significa aplicar atentamente os sentidos a um objeto para que se obtenha informações claras e seguras do mesmo. A observação possui a principal vantagem para o pesquisador de coleta de informações enquanto o acontecimento é fato (Lobiondo e Haber, 2001).

A coleta de dados se deu através da observação participante (Haguette, 1987), envolvendo-se no cotidiano da família empreendedora pesquisada, observando as diversas situações com que se deparam o turista e os empreendedores normalmente e como se comportam diante delas.

A prática da observação participante se desenvolveu por meio de visitas técnicas de três dias cada uma com os seguintes intuitos:

² Mais informação sobre a cooperativa disponível em: <http://www.centraldocerrado.org.br/comunidades/grande-sertao/>

- (i) Visita ao Grupo Agroextrativista, identificar os processos produtivos no processamento dos frutos do cerrado;
- (ii) Trekking da Trilha do Barão, identificar os atrativos históricos e ambientais;
- (iii) Trekking da Trilha do Vau, identificar os atrativos históricos e ambientais;
- (iv) Visita ao centro urbano de Grão Mogol, identificar os atrativos históricos, culturais e o sistema de hospedagem existente condizente com a proposta de turismo de base comunitária.

Resultados

A arquitetura da Casa de Cultura de Grão Mogol apresenta certa atratividade por valorizar materiais locais em sua construção (Figura 1a). Em seu interior, existem vários cômodos como sala de projeção de vídeo (Figura 1b), lanchonete, biblioteca, quintal gramado, que podem ser utilizados em uma vasta gama de atividades culturais não só para o turismo, mas como para a própria comunidade local. A Casa fica aberta também aos finais de semana na parte da manhã; no entanto, não existe um calendário de programação de eventos, sendo seu potencial desperdiçado em parte. Vários materiais ainda se encontram na mão de particulares reacios em doar para o poder público, fazendo dele um bem público. Essa situação demanda um trabalho cuidadoso de organizações públicas dedicadas a fomentar o processo.

Similar a esta realidade de Grão Mogol, a Fundação Casa Grande desenvolve um trabalho exemplar com jovens em Nova Olinda, enfatizando o turismo cultural, como uma es-

cola de referência em gestão cultural com atividades formadoras em comunicação social, artes cênicas, música e educação patrimonial. Estas atividades vêm estimulando um fluxo de visitantes, onde os turistas se hospedam nas casas dos jovens que atuam na Fundação (Brasil, 2010). Este exemplo poderia ser aproveitado para agregar valor à casa da Cultura de Grão Mogol.

Na feira do agricultor, é a mulher agricultora (Figura 2a) que estabelece o processo de venda. Acontece na Praça Central (Figura 2b), abaixo do calçadão, aos sábados pela manhã, e lá se reúnem agricultores de toda a zona rural. Foi contada a participação de 18 agricultores que vendem desde alimentos *in natura* como feijão, ovos, verduras, batata e abóbora advindos da agricultura, como também do extrativismo, como uva do cerrado, mangaba, pequi, dentre outros. Produtos processados como queijo, requeijão, doces em compota também são encontrados, além de patos e galinhas caipiras vivas.

Um dos casos mais conhecidos e estudados de turismo comunitário brasileiro é o da Prainha de Canto Verde, no litoral do Ceará. O planejamento da atividade teve início em 1994, através da construção do Projeto Turístico Socialmente Responsável, valendo-se do planejamento participativo e descentralizado com os pescadores (Zechner *et al.*, 2008). O planejamento de uma programação de visita nas propriedades rurais que produzem alimentos para serem comercializados na feira em Grão Mogol pode integrar uma proposta de roteiro de turismo de base comunitária.

A cidade de Grão Mogol apresenta bem definida uma arquitetura moderna e uma an-

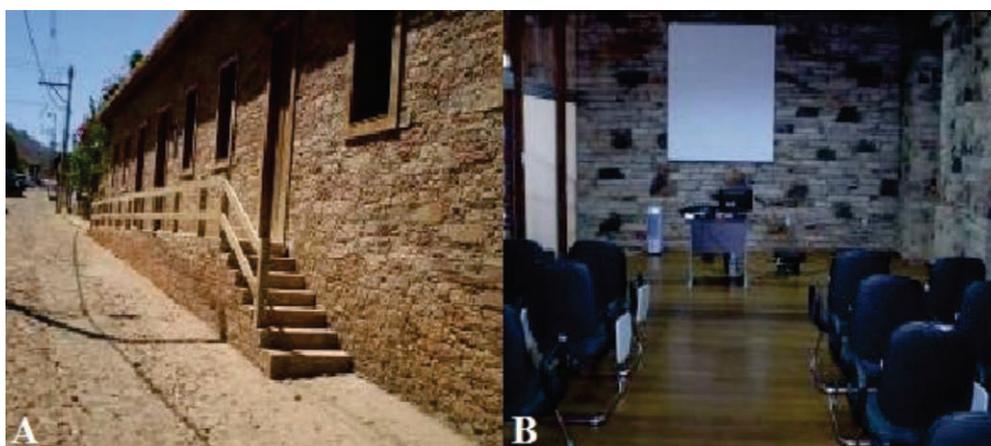


Figura 1. Vista externa e interna da Casa de Cultura de Grão Mogol.

Figure 1. External and internal view of the House of Culture of Grão Mogol.

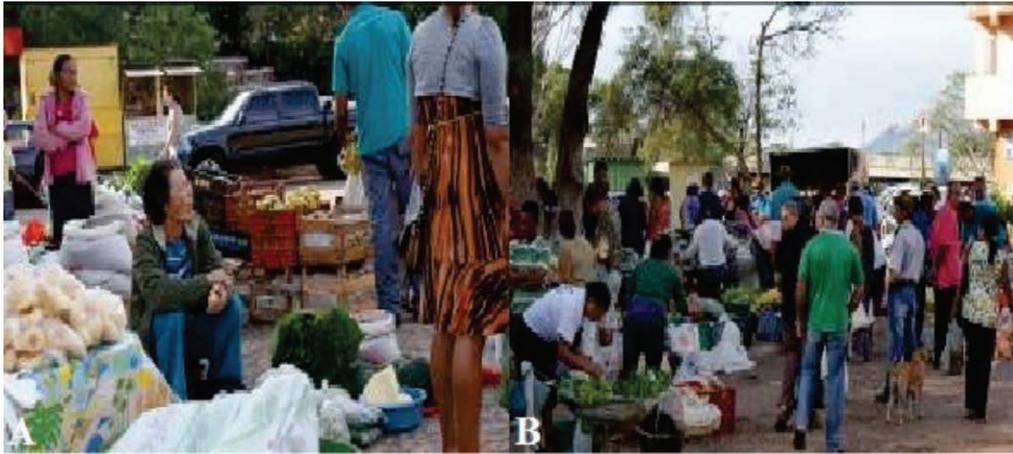


Figura 2. Vista da feira do agricultor familiar de Grão Mogol.
Figure 2. View of the family farmer's fair of Grão Mogol.

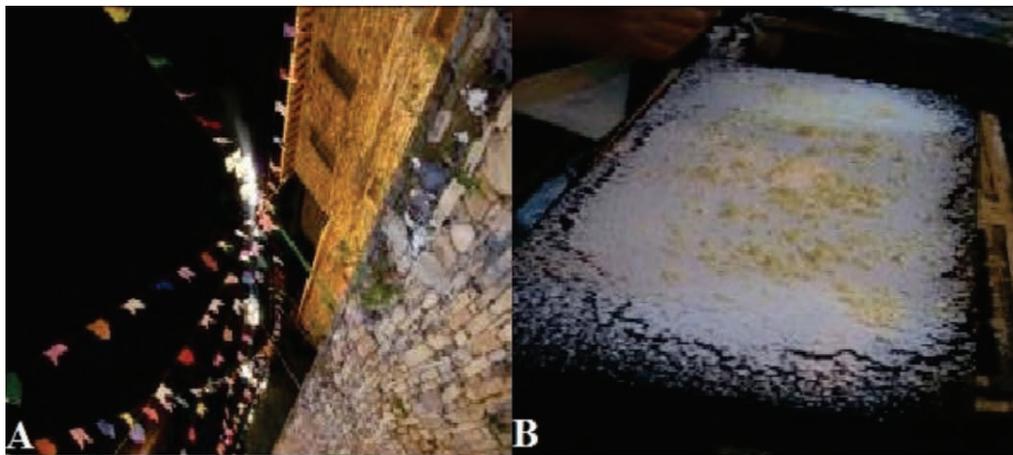


Figura 3. Comemoração da festa junina com as comidas típicas como o beiju.
Figure 3. Commemoration of the June party with the typical foods such as cassava bread.

tiga. Este patrimônio arquitetônico está em quase sua totalidade tombada pelo Conselho Municipal, fazendo parte de um acervo que garante o ICMS ecológico. Estes bens, até o momento, não são utilizados para visitação, apesar de serem objetos de fotografia dos turistas. As festas comunitárias também ainda não são exploradas com uma programação de atividades que possam agregar valor às festas locais. Assim temos a festa junina (Figura 3a), realizada pela Igreja, onde algumas atividades, como correio amoroso, barraquinhas típicas com gastronomia local (Figura 3b), são pouco prestigiadas. Nem mesmo os meios de hospedagem sabem da existência dessas festas para ajudarem a divulgá-las entre seus hóspedes.

O Grupo Agroextrativista constituído de aproximadamente doze famílias que integram o Assentamento Americana trabalha em parceria com o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM), onde se desenvolvem ações com o cultivo e processamento de plantas medicinais e frutos do cerrado. Recebem com certa frequência outros grupos de famílias agricultoras, não só do norte de Minas, mas também de outras regiões do Brasil, além de pesquisadores de Entidades ligadas à agroecologia. Com apoio financeiro de fontes nacionais e internacionais (Figura 4a), está sendo construída uma unidade multiuso de processamento de frutos do cerrado, que poderá subsidiar os intercâmbios que já acontecem no local, bem como resgatar a cultura local com a



Figura 4. A placa demonstrando as parcerias para viabilizar a sustentabilidade desenvolvida.
Figure 4. The plate showing the partnerships developed to enable sustainability.



Figura 5. Presépio particular Mãos de Deus em Grão Mogol.
Figure 5. Private cradle of Christ named Hands of God in Grão Mogol.

utilização de engenho movido a animal, transformando-os em atrativos turísticos (Figura 4b).

Um dos resultados na busca pela sobrevivência no meio rural, segundo Maldonado (2009), foi a dinamização das atividades não agrícolas como a pequena agroindústria, os ecomercados e o turismo, que podem ser explorados sem ser uma panaceia. Neste sentido, o incentivo ao Grupo Agroextrativista do Cerrado para fomentar este fluxo de intercâmbio e troca de saberes não só entre agricultores familiares, mas também com todos aqueles que demonstrem certa afinidade pelo tema de agroecologia e consumo consciente pode vir a agregar renda a estas famílias agroextrativistas pelo Grupo Agroextrativista do Cerrado no Assentamento Americana em Grão Mogol.

Dentre todos os atrativos encontrados em Grão Mogol, o Presépio Mãos de Deus é o úni-

co que os moradores de Grão Mogol indicam para os turistas. Segundo a comunidade, ele é mais importante que o próprio Parque Estadual de Grão Mogol, mesmo porque a unidade de conservação não está aberta para visitação.

Takasago e Mollo (2007) nos dizem que o turismo apresenta grandes possibilidades de geração de renda quando investido por pequenos empreendedores individuais e coletivos, fomentando economias locais e valorizando saberes autóctones. Este fato pode ser comprovado pela iniciativa da implantação do Presépio Mãos de Deus (Figura 5a), sendo este hoje o único local de visitação na cidade de Grão Mogol, até mesmo durante a noite (Figura 5b). Este exemplo necessita ser compartilhado pelos demais empreendedores locais de forma a ser seguido nos outros atrativos turísticos privados.

O Programa de Turismo Solidário do Governo do estado de Minas Gerais capacitou nove empreendedores locais para o receptivo familiar, indexando uma placa nas casas credenciadas. Nestes receptivos, o turista é recebido para hospedagem, fornecendo cama, banho e café da manhã pela diária, sendo os outros serviços, caso o hóspede necessite, pagos em separado. Atualmente, apenas duas famílias continuam atuando no Programa, as quais estimulam e fomentam a visitação nos atrativos culturais e naturais da cidade, o que não acontece nos outros meios de hospedagem local. Na Figura 6, a casa é também da artesã que trabalha fuxico e outros artesanatos que são comercializados diretamente com a loja Tok & Stok em São Paulo.

Talaya (2004) diz que o turista moderno apresenta mudanças comportamentais significativas com um ócio mais ativo e polivalente com necessidades de informações sobre os destinos para maximizar suas experiências. Assim, a proposta do receptivo familiar do Programa Turismo Solidário é uma experiência de hospedagem motivada pela interação entre hóspede e hospedeiro. Espera-se que os gestores municipais do turismo valorizem estas iniciativas para fazer com que a identidade hoteleira de Grão Mogol seja reconhecida e valorizada.

A Trilha do Barão foi construída pelos escravos do Barão de Grão Mogol, o senhor Gualter Martins Pereira, para ligar a sua fazenda ao Arraial de Grão Mogol (Figura 7a). O barão representava os interesses da coroa



Figura 6. Receptivo familiar do turismo solidário em Grão Mogol
Figure 6. Family receptive solidarity tourism in the Grão Mogol.



Figura 7. Vista da Trilha do Barão em Grão Mogol.
Figure 7. View of the Baron Trail in Grão Mogol.

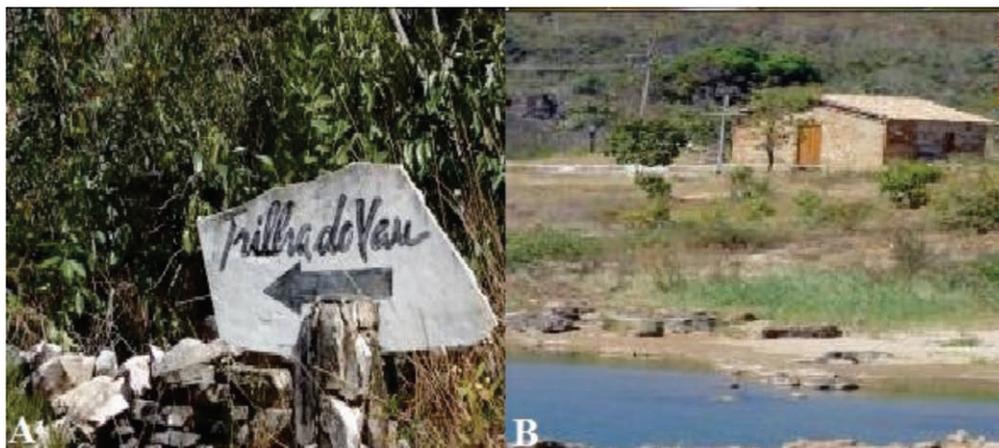


Figura 8. Trilha do Vau com sua Capela.
Figure 8. Trail of Vau with its Chapel.

portuguesa e, por isso, era a personalidade local mais importante na época da extração de diamantes. Esse fato fez com que a trilha fosse considerada por todos uma estrada real. Por ela, o barão e seus familiares eram transportados em liteiras pelos escravos até chegar à cidade. A trilha é toda pavimentada em cantarias (pedras irregulares) e margeada por muros de arrimo em rocha (Figura 7b). Uma exuberante e desafiadora engenharia, tratando-se das íngremes encostas da serra. Sua extensão é de 12.656 metros em solo acidentado e petrificado em várias situações.

Existem poucos locais de degradação, exceto nos locais onde o solo é arenoso e fraco, onde a água escorre com mais velocidade. Um destes locais, a 9,6 quilômetros da saída da cidade, é o único local de banho. Na trilha, por ser perigosa e com alto grau de dificuldade, é aconselhável a presença de um guia, mesmo porque isso agrega renda à população local. A exuberância da paisagem justifica sua localização na Serra do Espinhaço.

Vau é uma antiga localidade que foi ocupada por garimpeiros, na esperança de achar lavras de diamantes para explorar e continuar a sua história. Desde esta época, o Vau é o caminho de peregrinação em devoção ao Divino Espírito Santo onde ocorrem festejos e promessas são cumpridas em virtude do significado religioso atribuído ao local. A trilha (Figura 8a) tem uma extensão de 4.625 metros em declive da cidade até a Igreja do Vau. Pode ser feita a pé, a cavalo e de bicicleta; no entanto, muito pouco tem-se utilizado a trilha como produto turístico. Atualmente no Vau, além da Capela (Figura 8b), existe um rancho onde se servem

bebidas e refrigerantes, com banheiros precários. Na localidade, existe o Rio Itacambiruçu, onde a água moldou as pedras, apresentando coloração verde, justificada pela grande quantidade de algas.

Conclusão

Percebe-se que o turista é predominantemente doméstico e, devido aos meios de hospedagem convencionais (pousadas e hotéis), limita-se a visitar atrativos inseridos nos meios de hospedagem convencionais, deixando assim de usufruir das belas trilhas e cachoeiras locais. A cultura, o artesanato e o folclore local são ricos, mas, sem uma identidade que agregue valor ao turismo, não se inserem na cadeia produtiva da atividade. Desta forma, a gestão local do turismo deixa de obter reconhecimento pela dificuldade de buscar o envolvimento com a sociedade organizada e interessada em desenvolvê-lo.

O calendário de eventos do município não agrega valor aos atrativos do meio rural, assim como sua elaboração não prioriza um compartilhamento de sugestões e ideias que possam valorizar a cultura local. Neste sentido, o planejamento de um simples calendário de eventos pode vir a desencadear um fluxo turístico que mobilize e incentive os empreendedores locais a partir de uma valorização da sua identidade.

Estimular atividades em que a comunidade anfitriã interaja com o visitante pode também apresentar resultados que estimulem o mesmo a visitar a região em diversas épocas do ano para vivenciar uma programação diferencia-

da; para tanto, precisa-se de planejamento comprometido com todos os envolvidos e não somente com uma parcela de empresários que não comungam com uma interação entre cultura e ambiente.

Estimular a restauração de bens arquitetônicos particulares através de uma ação conjunta com os proprietários pode causar um impacto visual positivo, aumentando a autoestima dos anfitriões comunitários, além de possibilitar o envolvimento destes proprietários na abertura de suas casas à visitação para visualização de móveis e utensílios existentes nestas residências.

Assim, a proposta de um turismo que se baseia na solidariedade pode significar dar oportunidades àqueles que detêm o saber autóctone em suas rotinas diárias da vida em comunidade. Praticar esta inclusão requer sabedoria dos gestores, para que possam estabelecer esta nova postura, fazendo-se necessário que as mudanças passem prioritariamente por eles. Empoderar as lideranças comunitárias é mais que necessário para que haja o comprometimento de todos os envolvidos na transformação do turismo em atividade socioambientalmente responsável.

As atividades de turismo solidário passam pela responsabilidade individual de cada empreendedor que tem em suas práticas a especificidade e a individualidade que garantam o descortinamento de opções de lazer e recreação inusitadas para os visitantes turistas. Conceber esta relação de hóspede e hospedeiro a partir de saberes e fazeres significa impulsionar uma troca comunal, recíproca, na lógica da economia solidária.

Esta responsabilidade turística que a solidariedade solicita requer o desvinculamento com várias normativas preconcebidas que têm levado à globalização do turismo, sem um questionamento da responsabilidade social e ambiental necessária para o turismo responsável. Globalização esta que inibe a criatividade, a autenticidade, a identidade, os valores e os princípios de gerações que sobrevivem de sua cultura tradicional.

Referências

- ALMEIDA, M. 2006. Matriz de avaliação do potencial turístico de localidades receptoras. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 234 p.
- ALTER NATIVAS. 2009. Iniciativas Interculturais. Disponível em: www.reasnet.com/nativas. Acesso em: 12/02/2011.
- BARRETTO, M. 2004. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socio-antropológicos. *Turismo em Análise*, 15(2):133-149. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v15i2p133-149>
- BRASIL. 2003. *Programa de Turismo Rural na Agricultura Familiar*. Brasília, Ministério do Desenvolvimento Agrário, 74 p.
- BRASIL. 2010. *Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública*. Brasília, Ministério do Turismo, 88 p.
- BENEVIDES, I.P. 2002. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: A.B. RODRIGUES (org.), *Turismo e desenvolvimento local*. 3ª ed., São Paulo, Hucitec, p. 23-41.
- CENTRO DE AGRICULTURA ALTERNATIVA DO NORTE DE MINAS (CAA-NM). 2010. Agroecologia em rede. Grupo Agroextrativista do Cerrado. Disponível em: <http://www.agroecologiaemrede.org.br/experiencias.php?experiencia=987>. Acesso em: 24/08/2013.
- CHAVES, M.L.S.C.; BENITEZ, L.; ANDRADE, K.W. 2006. *Morro da Pedra Rica, Grão Mogol, MG: primeira jazida de diamantes minerada em rocha do mundo*. Disponível em: <http://www.unb.br/ig/sigep>. Acesso em: 26/08/2013.
- CORBISHLEY, A.C.M.; CARNEIRO, M.L.M. 2001. Considerações sobre o uso da observação participante na pesquisa em enfermagem. *Revista Mineira de Enfermagem*, 5(1-2):82-85.
- FONSECA, D.R.S.; LESSA, S.N. 2010. Um breve diagnóstico ambiental do Parque Estadual de Grão Mogol (MG) e seu contexto espacial. *Caminhos de Geografia*, 11(35):262-263. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em: 23/08/2013.
- GIL, A.C. 1991. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 3ª ed., São Paulo, Atlas, 65 p.
- HAGUETTE, T.M.F. 1987. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, Vozes, 163 p.
- LOBIONDO, W.G.; HABER, J. 2001. *Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 44 p.
- MALDONADO, C. 2009. O Turismo rural comunitário na América Latina. In: R. BARTHOLO; D.G. SAN SOLO; I. BURSZTYN, *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro, Editora Letra e Imagem, parte I, p. 25-44.
- MATHEUS, Z.M.A. 2003. *Gestão e avaliação de programas – Estudo de Caso: Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 134 p.
- MAZZOTTI A.J.A.; GEWANDSZNAJDER F. 1998. *O método nas ciências naturais e sociais*. São Paulo, Ed. Pioneira, 76 p.
- MORAES, W.V. 2001. *Análise do ordenamento dos atrativos de turismo de base comunitária no Território da Serra do Brigadeiro – MG*. Viçosa, MG. Tese de doutorado. Universidade Federal de Viçosa, 155 p.
- PROJETO BAGAGEM. 2010. *Série TURISOL de Metodologias: Parte 2 – Projeto Bagagem*. 42 p.

- Disponível em: http://www.turisol.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/02/Livreto-projeto_bagagem-09-parte2-2.pdf. Acesso em: 01/2013.
- QUEIROZ, D.T.; VALL, J.; SOUZA, A.M.A.; VIEIRA, N.F.C. 2007. *Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área de saúde*. Rio de Janeiro, UERJ, 98 p.
- RUDIO, F.V. 1986. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis, Ed. Vozes, 34 p.
- SAMPAIO, C.A.C.; MANTOVANELI JR., O.; PELLIN, V. 2005. Análise comparativa de experiências de turismo comunitário no Brasil e no Chile. *Revista de Negócios*, **10**:288-301.
- SCHRAMM, W. 1971. *Notes on case studies of instructional media projects*. Working paper. Washington, D.C., The Academy for Educational Development, 39 p.
- TAKASAGO, M.; MIOLLO, M.L.R. 2007. Turismo e combate à pobreza no Brasil: o papel do governo na redução de desigualdades. In: *Advances in Tourism Economics – ATE 2007*, Vila Nova de Santo André, 2007. *Anais...* p. 36-54.
- TALAYA, A. 2004 La naturaleza en el comportamiento del consumidor turístico. In: *Congreso AECIT: El Uso Turístico de los Espacios Naturales*, IX, La Rioja, 2004. *Anais...* La Rioja, p. 76-93.
- UNCTAD/WTO. 2005. *Módulo de treinamento para o sucesso do turismo baseado na comunidade – TBC no Âmbito do PRPE – Programa de Redução da Pobreza através da Exportação*. Internacional Trade Center – ITC. 96 p.
- WWF-BRASIL. 2001. *Certificação em Turismo: lições mundiais e recomendações para o Brasil*. Coord. Sergio Salazar. Brasília, WWF Brasil, 168p.
- YIN, R.K. 2005. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2ª ed., Porto Alegre, Bookman, 205 p.
- ZECHNER, T.C.; HENRIQUEZ, C.; SAMPAIO, C.A.C. 2008. Pensando o conceito de turismo comunitário a partir de experiências brasileiras, chilenas e costarriquenhas. In: *II Seminário Internacional de Turismo Sustentável*, II, Fortaleza, 2008. *Anais...* Fortaleza. Disponível em: <http://www.cdvhs.org.br/sispub/imageata/1893/sits/files/PENSANDO%20O%20CONCEITO%20DE%20TURISMO%20COMUNITARIO.pdf>. Acesso em: 07/2013.

Submetido: 19/12/2013

Aceito: 11/09/2014